

5 Estudo de campo

5.1. Sujeitos

Um total de 10 adolescentes advindos das camadas populares cariocas foram entrevistados, sendo todos pertencentes a um grupo de Capoeira com sede no Centro do Rio de Janeiro. Destes, cinco são do sexo masculino e cinco do feminino, tendo eles idades compreendidas entre 13 e 17 anos. A seguir teremos uma breve descrição dos sujeitos, sendo que, para manter suas identidades em sigilo, os enumeramos e os identificamos pelas iniciais “F” (femininos), e “M” (masculinos).

F1 – Tem 17 anos, reside no Centro com seu pai, mãe e irmã, em casa própria. Não soube informar a renda familiar, por esta ser variada, já que a mãe trabalha no comércio. Estuda no terceiro ano do ensino médio de um colégio público e não tem religião, apesar de declarar já ter sido católica. É virgem, já tendo tido um namorado no passado.

F2 – Tem 14 anos e mora, em casa alugada, na zona oeste do Rio de Janeiro, junto à mãe, cuja renda mensal é de R\$480. Estuda na sétima série do ensino fundamental em um colégio particular, e é católica, tendo ainda uma outra religião, que descreve como sendo exclusivamente de adolescentes. Namorou por aproximadamente um ano e meio, e é virgem.

F3 – Tem 15 anos e mora em uma casa alugada em um bairro no subúrbio do Rio de Janeiro, com a mãe, padrasto, irmão e irmã, sendo a renda familiar média R\$800. Estuda no primeiro ano do ensino médio em um colégio público, e tem como religião o Budismo. Namorou por quatro anos, tendo terminado o relacionamento recentemente, e é a única não-irgem das adolescentes entrevistadas.

F4 – Tem 16 anos e mora em casa própria, no Centro do Rio de Janeiro, com mais quatro pessoas (tia e avó, por quem foi criada, e primos). Estuda em colégio público, cursando o primeiro ano do ensino médio. Não soube informar a renda familiar. Nunca namorou e é virgem. Não tem religião.

F5 – Tem 14 anos de idade, mora em um bairro do Centro do Rio de Janeiro com o pai e a madrasta, em casa alugada. Esta na sétima série do ensino fundamental, não tem religião e não soube informar a renda familiar média. Já namorou por um ano e meio e é virgem.

M1 – Tem 16 anos e reside em casa alugada, no Centro do Rio de Janeiro, junto ao pai, mãe e duas irmãs, possuindo renda familiar de R\$1800. Estuda no primeiro ano do ensino médio em colégio público e não tem religião (diz já ter sido espírita). Já namorou e não é virgem.

M2 – Tem 17 anos e mora no Centro, em casa alugada, com outras cinco pessoas (mãe, irmãos, primos). Estuda na escola de uma instituição beneficente, estando no primeiro ano do ensino médio. Não tem religião. Não é virgem.

M3 – Tem 16 anos e mora no Centro do Rio de Janeiro, em casa alugada, com a mãe. Estuda no primeiro ano do ensino médio de um colégio público, é budista e não soube informar a renda familiar. Já namorou e não é virgem.

M4 – Tem 13 anos e mora com a mãe, em casa alugada, em um bairro do centro do Rio de Janeiro. Estuda na sexta série do ensino fundamental, é católico e não soube informar a renda familiar. É virgem. Apresentou bastante dificuldade para se expressar livremente, mostrando-se tímido e, em certos momentos, com pouca compreensão do que era perguntado.

M5 – Tem 16 anos e mora no Centro do Rio de Janeiro, com a mãe e dois irmãos, em casa alugada, sendo a renda familiar média R\$500. Cursa a quinta série do ensino fundamental e não tem religião. Já namorou e não é virgem.

5.2. Instrumentos

Foram realizadas entrevistas gravadas e posteriormente transcritas com os participantes, cujo roteiro invisível contemplava os seguintes temas:

- Concepções de namoro e relações afins (“ficar”, “casos”, etc.);
- Expectativas sobre relacionamentos afetivos, envolvendo formas de conquista do parceiro desejado;
- Concepções sobre a adolescência, incluindo relacionamentos familiares e sociais, percepção de mudanças ocorridas, etc.;
- Crenças e expectativas sobre casamento e constituição de família;
- Vivências de sexualidade.

5.3. Procedimentos

Os sujeitos foram recrutados em rodas de Capoeira do grupo a que pertencem, sendo as entrevistas marcadas e realizadas em local com privacidade, sendo-lhes explicado sobre os objetivos do estudo, o destino das informações fornecidas, chamando-se atenção para o fato de que suas identidades seriam mantidas em sigilo.

5.4. Análise e discussão das entrevistas

A análise e discussão do conteúdo das entrevistas foram realizadas através da divisão em categorias, sendo expostas as falas masculinas e femininas, seguidas de considerações sobre as mesmas.

Ficar x namorar

Sujeitos masculinos

A totalidade dos sujeitos masculinos afirma que a forma de relacionamento mais comum em sua geração é o “ficar”. O motivo, para quatro

entrevistados, é relativo a ser uma maneira de conhecer melhor a garota, podendo tornar-se, ao longo do tempo, um namoro:

“Uma coisa muito normal, entendeu, é tipo, como se fosse pré-requisito para o namoro, é ficar, entendeu... pras pessoas saberem se elas querem mesmo ou se é só um relacionamento passageiro ou se é uma coisa mais séria, entendeu?” (M1).

“No caso, se eu gostar da pessoa, posso até namorar, tal... Mas tem que rolar um pouco assim, sabe... Tem que gostar mesmo. Se eu gostar um pouquinho, assim, só gostar, acho que não... Só ficar mesmo.” (M2).

“Geral agora, é coisa do momento, ver todo mundo ficando... Principalmente ficar, pra ver como é que é, aí que vem o namoro, essas coisas assim... (...) Ah, pra saber se é bom, pra saber se a garota é na moral, é maneira... Aí começa ficando... Aí se for compatível... Começa o namoro...” (M3).

“Tem gente que acha a garota maneira, simpática, aí pode pedir até para namorar, se eu também achar a garota maneira, simpática, aí eu peço.” (M5).

Dois sujeitos explicitam que o namoro pode ocorrer após um tempo de relacionamento anterior, seja ele de amizade, ou mesmo após “ficar” durante um tempo:

“E quando você tá com a sua amiga e começa a dar aquela vontade de ‘pô, queria ir pra praia numa noite’, ficar mais perto dela, ter mais intimidade com ela.. Aí você começa a perceber que o que você quer mesmo não é a amizade, e sim um relacionamento mais sério, entendeu...” (M1).

“No caso, eu teria que estar com a pessoa há uns 3, 4 meses, já ficando, pra conhecer a pessoa direito...” (M2).

M2 afirma que o “ficar” é uma maneira de saber se a garota é “direita”, e fala de uma fama que o homem poderia levar caso namorasse alguém que “fica” com vários ao mesmo tempo:

“...Pra não namorar uma pessoa que fica com todo mundo... Arrumar uma garota direita... E é isso. Aí de repente eu posso até namorar, porque se não for desse jeito, eu não prefiro namorar... (...) Porque pega mal... (...) Leva fama de corno, se a garota sai ficando com todo mundo...” (M2).

Dois sujeitos referem-se ainda ao “ficar” como uma maneira de não ter compromisso com uma única pessoa:

“Acho que mais comum é o ficar, né... (...) Porque hoje em dia ninguém quer assumir compromisso sério, só quer ficar e pronto... (...) Ah, não quer se prender muito... Tem gente que quer ficar saindo, não quer se prender a uma pessoa só...” (M2).

“Pra mim, eu gosto mais de ficar, namorar não dá certo... (...) Porque é muito enrolado, não sei só ficar com uma só, de repente até dá” (M5).

M3 acredita que o “ficar” demonstra uma insegurança:

“Quando a gente ta ficando, é porque a gente não ta seguro do que a gente quer... Mesmo... Às vezes o garoto fica meio assim, pensando: ‘será que é a hora de eu chegar e pedir em namoro?’... Sabe... Ai’, pô, continua ficando pra ter certeza se ela é fiel, se ela ta gostando mesmo de você... Acho que ficar é isso... Ter certeza do que a outra pessoa quer, e do que você quer...” (M3).

Dois sujeitos afirmam preferir namorar, porém acham que isso é muito difícil na idade deles:

“Prefiro um relacionamento mais sério, uma coisa mais amigável, que você pode depender da pessoa, como a pessoa pode depender de você, entendeu...”

(...) Mas aquele negócio, eu acabo também sendo influenciado, como isso não acontece, é muito difícil ter um relacionamento na nossa idade, eu creio também que eu tenho que começar a ficar também, que eu vou sair atrás, entendeu...” (M1).

“Não, eu não prefiro mais ficar, eu prefiro namorar, so que é bem difícil você chegar numa garota hoje: ‘pô, você quer namorar comigo?’... É bem difícil... Primeiro, elas geralmente preferem ficar, pra ver como é que é...” (M3).

Ainda sobre o mesmo assunto, M3 refere-se a uma posição mais “respeitosa” no namorar:

“Namorar, uma parada certa, com garota certa, a mãe sabendo, o pai sabendo... Bem mais respeitoso, assim...” (M3).

Dois entrevistados falam sobre um tipo de “ficar” que não leva a um outro relacionamento, como o namoro:

“Como não tem o sentimento... Beijo, entendeu... Se for bonita eu me mostro pra todo mundo que eu fiquei com ela, entendeu... Não tem aquele interesse, não tem aquele interesse... Eu fico só por ficar, entendeu... Mas também só...” (M1).

“Meus amigos, quando eu saio, eles pegam qualquer uma, quando sai, vai para Botafogo, eles enrola com uma, aí fica, aí depois vai para outra já, não tem namorada mesmo...” (M5).

Dois entrevistados referem-se de maneira distinta ao “ficar” com amigas, tendo o primeiro o medo da perda da amizade:

“Amiga com certeza é muito difícil se quiser ficar... Muito difícil pedir pra ficar com uma amiga porque, porque já ta no meio, conhece a minha vida... (...) E, pô, às vezes quando acontece algum problema, essa amiga pode virar

namorada e você pode perder a amizade dela, às vezes você perde, porque são coisas diferentes, uma amizade séria e um namoro, entendeu?” (M1).

“Ah... Na escola, na rua, de repente... Assim.. De uma amizade pode pintar uma coisa...” (M2).

M1 comenta sobre o namoro tê-lo levado a abdicar de certas coisas, de uma maneira positiva:

“Eu abri mão de várias coisas pra namorar com ela, entendeu... (...)Por exemplo, abri mão de amigos que eram meus amigos, mas que andavam com drogas... graças a Deus eu abri mão... (...) ...Eu era aquele maluco arruaceiro como era, aquele cara que quando saía, ‘pô, hoje eu vou ficar com cinco’, ‘hoje eu vou ficar com três’, se eu tomar ‘toco’, atiro em outra... Nesse relacionamento com ela comecei abrindo mão disso e mudei, e achei que foi melhor pra mim, entendeu...” (M1).

M1 refere-se à diferença de como são vistos os homens e as mulheres quando “ficam” com várias pessoas:

“O homem quando fica com várias mulheres, ele tem reputação, e a mulher quando fica com vários homens tem a reputação ruim.” (M1).

Para M2, a iniciativa para “ficar” geralmente é do homem, devido à vergonha da mulher, com o que M5 concorda quando fala sobre namoro:

“O homem chega primeiro, é muito difícil a mulher chegar, porque ela tem vergonha... (...) O homem tem cara de pau.” (M2).

“A garota pode ter vergonha, não sei... vergonha mesmo... dependendo dela... o que ela também está achando do garoto...” (M5).

Sujeitos femininos

A totalidade das entrevistadas concordam que “ficar” é a forma mais comum de relacionamento, tanto referindo-se a si próprias, como a outras pessoas de sua geração. F1 expressa isso de maneira significativa:

“Pelo menos assim, as pessoas que eu convivo mais, no colégio, claro, pra começar, o pessoal tá curtindo mais ficar, entendeu? Esse negócio de namorar... tá certo, tem muitos que namoram, muitos, muitos.. Mas o pessoal tá curtindo mais ficar, sabe...”

O namoro é descrito pela maioria das entrevistadas (F1, F2, F4, F5) como um relacionamento que consiste em estar apenas com uma mesma pessoa, com quem se passa mais tempo junto. Todas, exceto uma, que terminou recentemente um namoro de quatro anos (F3), ressaltam que é mais comum “ficar” porque ninguém quer se comprometer. Todas estas utilizam termos como “estar preso” a alguém, sendo o “ficar” uma alternativa a essa situação:

“...Ninguém quer ficar mais só com um namorado, essas coisas, o pessoal tá deixando isso de lado, quer só ficar, assim... (...) Acho que o pessoal tá querendo curtir mais, entendeu, outras pessoas. Não ficar só apegado a uma pessoa só, entendeu? Curtindo mais outras pessoas, conhecendo...” (F1).

“Tipo, namorar com certeza a gente vai perder boa parte da nossa adolescência, porque a gente tá na hora de curtir... Curtir a vida, não ficar preso só a uma pessoa. Eu penso assim... (...) É, porque se você namorar você vai ter que disponibilizar, assim, uma parte do tempo pra aquela pessoa, entendeu, que você vai estar se relacionando...” (F2).

“Ninguém quer ter compromisso... (...) Ninguém quer estar preso a ninguém...” (F4).

“Acho que é porque elas (as pessoas) gostam mais de liberdade, não gostam de ficar presas com uma pessoa só, não gostam de ficar presas assim

falando que só vai com o namorado, ou dizendo 'não vou porque meu namorado não vai'... (F5).

Duas entrevistadas (F2 e F5) referem-se ao namoro destacando inicialmente suas restrições, para elas, inerentes ao mesmo, como deixar de sair com amigas por causa do namorado:

“Tipo, final de semana, eu vou querer sair com meus amigos, e lógico que eu não vou poder, porque... Pode até sair com eles, entendeu, mas pela lógica, é melhor ficar só os dois, não sei o que lá...” (F2).

“...Várias vezes acontece isso, maioria das vezes acontece isso, minhas colegas falam ‘meu namorado não vai, eu também não vou’, meus colegas também: ‘minha namorada não vai, eu também não vou’” (F5).

Três entrevistadas citam a existência de um tipo de relação em que se “fica” apenas uma vez e depois ambos sequer se encontram novamente:

“Tem vários tipos de ficar. Tem aquele ficar que você fica com a pessoa hoje e nunca mais nem olha pra cara dela (risos)... Tem o ficar que você fica com a pessoa, assim, uns dois meses, semanas, não sei...” (F2).

“...Se você for numa festa, você conhece um carinha, fica com ele, dá uns dois, três beijos nele, depois vai embora, se souber o nome dele é bom, se não souber... tanto faz...” (F4).

“...Eu fico com a pessoa e continua amizade, não gosto que a pessoa fique comigo e não olhe mais para minha cara, eu não sou assim, eu continuo falando com os meninos, falando normalmente... Só que tem uns que, pô, nem falam mais comigo, aí eu fico meio estranha um pouco...” (F5).

Esta forma de relação difere-se de uma outra, em que o casal “fica” novamente, e que pode dar início a um namoro, segundo todas as entrevistadas.

Para elas, “ficar” pode ser um meio de se esperar uma pessoa que considerem adequada para namorarem, sendo um período de conhecimento do rapaz:

“Claro, se pintar um clima maior, uma coisa assim, pode namorar, continuar, tudo mais... Mas acho que o pessoal tá curtindo mais ficar mesmo, enquanto não aparecer, enquanto não aparece a pessoa que quer mesmo, assim... Aí vai ficando...” (F1).

“Assim, você tá num lugar, aí você viu uma pessoa... Pô, gostou, começou a ficar afim... Entendeu... Aí, tá, você consegue ficar com aquela pessoa... Aí passa um tempo, começa a namorar...” (F3).

“Eu acho isso, mas eu sou mais de ficar namorando mesmo, quando eu gosto eu fico, mas quando eu não gosto eu vou só ficando até achar uma pessoa que eu goste mesmo.” (F5).

Duas entrevistadas referem-se à iniciativa para o “ficar” ser geralmente masculina, devido à vergonha por parte da garota, decorrente da possibilidade de ser depreciada pelos outros:

“Geralmente a iniciativa é do cara que tiver que ficar, entendeu, as garotas são muito mais acanhadas, entendeu? Não sei, os homens têm mais coragem de chegar e falar, pô, tipo assim, de estar rolando um papo maneiro, não sei que, aí puxar e dar um beijo, ou então vir chegando próximo, entendeu? (...) Porque também tem muitos caras, que, tipo assim, chega uma garota... ‘Ah, quero ficar contigo’, puxa, beija, fica, e depois passa, ‘pô, fulana é isso, não gostei não, atirada’... Muitos falam ‘ah, atiradinha demais’, entendeu...” (F1).

“Normalmente quem toma iniciativa é o menino, o homem... menina fica com muita vergonha de tomar iniciativa... (...) Porque se a menina for pedir iniciativa falam que a menina é ‘galinha’, sai com qualquer um, é a menina que é ‘vagabunda’, a menina é que é ‘galinha’... (F4).

Uma entrevistada considera que a iniciativa para “ficar” nos dias de hoje pode partir tanto do homem como da mulher:

“A iniciativa pra mim pode partir tanto do homem como da mulher, entendeu... Hoje em dia as mulheres tão chegando em cima mesmo, não tá tendo mais esse preconceito, os rapazes até se assustam, assim, de vez em quando... (...) Acho que hoje em dia as coisas são mais naturais, mais tranquilas, tanto faz o homem ou a mulher chegar em cima...” (F3).

Tanto F3 como F4 afirmam que elas costumam tomar a iniciativa quando desejam “ficar” com algum garoto:

“A garota chega em cima, eu já fiz isso... Chegar em cima assim, e falar... Sentar e falar: ‘tá acontecendo isso, tô afim, to afim de você, pô, dá pra gente ficar?’” (F3).

“Eu tomo iniciativa, mas não sei os outros... (...) Chega em cima da pessoa e fala... (...) Ah... ‘gostei de você, quero ficar com você’” (F4).

F1 refere-se ao medo de tomar a iniciativa para “ficar” com alguém e ser rejeitada, sendo este um motivo para a espera da iniciativa masculina:

“O mundo desaba... Você fala ‘eu gosto de você, quero ficar com você’, e a pessoa falar um não, sabe... Acaba, tudo acaba tua vida pra você, entendeu? Tá certo que não é bem assim, mas, se for pensar por esse lado, acaba tudo, porque você demonstra o sentimento e a pessoa não tá retribuindo como você merece, entendeu? Aí por isso tem muita gente que não admite o que sente quando tá com a pessoa, não fala realmente o que tá sentindo...” (F1).

É citado ainda o recurso da ajuda de amigas (F1 e F2) para “ficarem” com garotos pelos quais se interessam:

“As maiores formas assim que o pessoal encontra é de pegar e pedir pra um amigo: ‘pô, bota ele na minha fita’. Isso é clássico. Você tá afim de uma

peessoa, quer ficar com ele, aí chega: ‘pô, bota fulano de tal na minha fita’, não sei que...” (F1).

“Alguma amiga minha, que é ‘bocuda’, acaba falando... Aí sempre tem uma que: ‘ah, fala com ele, não faz assim não’, aí fica mandando podre: ‘ai, vocês formam um casal tão bonitinho’, não sei que... Ficam falando essas coisas. Sempre tem a ajuda de alguém...” (F2).

Os sujeitos mostraram-se unânimes na opinião de que “ficar” é a forma de relacionamento mais comum na atualidade, mostrando ser este um código presente nas classes populares, e não exclusivo das camadas média e alta da população, como indicou a pesquisa de Chaves (1993).

Ambos os grupos diferenciaram dois tipos de “ficar”: um que constitui-se apenas como uma relação passageira, mais superficial, e outro que leva ao namoro. O primeiro foi descrito pelos sujeitos como ocorrendo em situações específicas, como festas, sem que houvesse um desejo anterior, podendo o casal não se ver ou falar novamente, estando de acordo com a definição de Chaves (1993), sendo bem explicitada por F4, quando se referiu à impessoalidade de às vezes não se saber sequer o nome do “ficante”. Esta é muitas vezes a única forma reconhecida de “ficar”, classificada pela autora citada como mais narcísica e imediatista, voltada apenas para a satisfação de prazeres e para a experimentação, de forma que, caso haja um reencontro posterior, o casal pode simplesmente agir como se nada tivesse acontecido, ou pode mesmo nem se falar, como descreveu F5.

A outra maneira de “ficar” foi citada por todos os sujeitos como sendo um período de conhecimento, que pode levar a um namoro. A respeito da discussão sobre “ficar” corresponder a ideais românticos ou narcísicos, concordamos com Mello (1996), quando afirma que este seja um meio narcísico de se atingir um objetivo romântico, não havendo, portanto, uma contradição. Desta maneira, em concordância ainda com Silva (2002), sobre os relacionamentos amorosos na adolescência consistirem em um “ensaio” para a vida adulta, percebemos que, para os sujeitos estudados, “ficar” pode ser em muitos casos, uma maneira de conhecer a outra pessoa ou “esperar a pessoa certa”, para então manter um relacionamento “sério”, mais formal, tendo, portanto, um objetivo final romântico.

Assim, como foi bem descrito por M3, “ficar” pode demonstrar a insegurança despertada pela perspectiva de uma relação de namoro, que, no entanto, é desejada.

Podemos fazer, aqui, um paralelo com a diferenciação feita por Outeiral (2003) entre paixão e amor, relacionando o “ficar” com o primeiro sentimento, enquanto um namoro já se vincularia ao segundo. Desta maneira, a evolução da paixão para o amor, descrita pelo autor, corresponderia à trajetória do “ficar” para o namoro, que os sujeitos descrevem.

É possível fazemos também um paralelo com o que ocorria no Brasil no princípio do século XX, quando o namoro incluía a preservação da honra da garota, que devia manter certos comportamentos para que fosse considerada “séria”, e não “oferecida”. Atualmente isso parece ocorrer no período anterior ao namoro, ao qual M2 se refere, dizendo “ficar” para saber se a garota é “direita”, o que também é citado por M3. Assim, conforme Chaves (1993) postula, “ficar” pode ser uma maneira de conhecer alguém melhor, podendo ser uma forma de vir a ter um relacionamento mais formal.

A maior parte das garotas relacionou namorar com o sentimento de estar “presa”, destacando as restrições, privilegiando o “ficar” pela ausência de compromisso formal nele implicado. Esta relação pode ser comparada com o que Fiúza (1990) observou, em seu estudo com adolescentes oriundos das camadas médias da população, sobre a palavra “namoro” estar associada a um “compromisso” mais duradouro. No grupo masculino, apenas um sujeito se referiu a esse sentimento ao falar de namoro, sendo que dois adolescentes disseram preferir namorar, mesmo reconhecendo a dificuldade para que isso ocorra em sua faixa etária. Podemos associar isto com o que Silva (2002) aponta, sobre a instabilidade do adolescente, que em alguns momentos tem rompantes de romantismo, e em outros deseja relacionamentos esporádicos e pontuais.

Ao se referir sobre “ficar” com amigas, M1 comentou sobre o risco de se perder a amizade, o que Chaves (1993) aponta como algo que pode dificultar este tipo de relacionamento com pessoas previamente conhecidas, fazendo o indivíduo tornar-se mais espontâneo com desconhecidos, com quem não possui qualquer intimidade.

A mesma autora verificou, em seu estudo, que a iniciativa para “ficar” pode ser tanto masculina como feminina. No entanto, quatro de nossos sujeitos

(dois femininos e dois masculinos) falaram sobre uma posição mais “envergonhada” por parte da mulher, especialmente com medo de ter uma fama ruim. Apenas duas entrevistadas disseram tomar a iniciativa quando desejam.

Amor

Sujeitos masculinos

Os sujeitos descrevem o amor como um sentimento que diz respeito a um vínculo maior com o outro:

“Ah, quando tá pintando uma coisa forte, uma emoção assim mais forte, que eu tô sentindo por ela... Um ciumezinho, assim, não sei... Não que seja aquele ciúme forte, sabe... A pessoa percebe quando está gostando da outra pessoa...” (M2).

“Mas acho que quando é quando você quer o bem de outra pessoa... O bem mesmo, assim, apesar de que ela não fique do seu lado, mas que ela se sinta bem com outra pessoa... Você vê que aquilo é o bem dela, também você sente... Acho que é isso...” (M3).

“Amar... quando a pessoa te dá muito carinho, muita atenção, sempre está contigo.” (M5).

Dois entrevistados (M1 e M5) também relacionam o amor a aspectos físicos do outro:

“Quando você quer ter... se envolver, um ajudando na vida do outro, e ainda ter uma coisa mais corporal... Aquele contato mais físico, aí começa a nascer um amor, uma paixão assim...” (M1).

“Os olhinhos dela, a barriguinha dela, a carinha... o que eu acho bom, bonitinho...uma gracinha... é isso (o que alguém precisa ter pra que ele ame)” (M5).

Sujeitos femininos

Quatro entrevistadas (F1, F2, F3, F5) referem-se ao amor como acontecendo de maneira inesperada, ou como uma continuação de um outro sentimento, sendo, para elas, difícil explicar como se inicia. F1, F3 e F5 apresentam as falas mais detalhadas sobre o assunto:

“Às vezes, sei lá, tipo assim, você fica com uma pessoa que você nem imagina, sabe... ‘Ah, nunca mais nem vou ver, não sei que’... E de repente pinta uma atração maior... Sei lá, sabe, você passa a pensar mais na pessoa, daqui a pouco vê, ta gostando, começa a namorar, e por aí vai...” (F1).

“Do nada... Assim, você tá num lugar, aí você viu uma pessoa... Pô, gostou, começou a ficar afim... Entendeu... Aí, tá, você consegue ficar com aquela pessoa... Aí passa um tempo, começa a namorar... Aí o amor não vai pintar assim, de uma hora pra outra... no início você vai só estar afim... Depois você vai começar a gostar, que é uma coisa que você gosta de muitas coisas, entendeu..” (F3).

“...Aí eu gosto do jeito dela, aí a pessoa gosta do meu, aí a gente vai ficando, vai ficando, quando passa dois meses, assim, eu vejo como o garoto é mesmo, começo a gostar dele ‘pra caramba’, aí começo a continuar ficando, aí depois de uns três meses a gente vê como é que faz, se começa a namorar comigo ou só continua ficando...” (F5).

Duas entrevistadas afirmam perceber que há amor quando se deseja estar junto da outra pessoa por mais tempo, quando se pensa muito nesta pessoa e quando, além de contato físico, há também conversa e preocupação:

“Ah... Você quer estar com aquela pessoa, você pensa muito nela, você faz muita coisa pensando naquela pessoa. Quase praticamente tudo o que você faz, você pensa primeiro naquela pessoa, se isso é bom pra ela, pensa em formas de estar com aquela pessoa, entendeu? Não quer estar longe a nenhum momento, tá pensando todo momento naquela pessoa. Sei lá, tudo o que você faz, você também está ligado àquela pessoa. Qualquer coisa que você faça, você pensa nela primeiro, antes de fazer, entendeu?” (F1).

“Como é estar gostando? É, pô, sentir atração por uma pessoa, gostando mesmo assim de ver todo dia, diariamente, se a pessoa estiver gostando mesmo de mim, fala, conversa comigo, não é só querer ficar me beijando, beijando, gostar mesmo de conversar falar de outras coisas, perguntar como é que eu estou...” (F5).

De todas as entrevistadas, apenas uma disse nunca ter sentido amor, tendo uma imagem negativa deste sentimento, ao qual relaciona a “novelas mexicanas”:

“Não sei... nunca tive esse sentimento assim... amor... (...) Se for igual a novela mexicana, é muito chato...” (F4).

O amor foi descrito como um sentimento que inclui maior envolvimento, se iniciando a partir de um outro, especialmente para as meninas, o que está em consonância com o que Outeiral (2003) postula, sobre o mesmo desenvolver-se de forma gradual. No entanto, discursos como o de F1 mostram um certo grau de idealização, que, para o autor, é próprio da paixão, quando falam sobre fazer tudo pensando em uma outra pessoa.

As definições dos sujeitos correspondem aos ideais do amor-romântico iniciados no final do século XVIII e início do XIX, referentes à valorização das emoções e da compatibilidade psicológica, consideradas como itens essenciais para um relacionamento amoroso, como citado por Féres-Carneiro (1998), referindo-se às relações atuais.

O que é preciso para um relacionamento dar certo

Sujeitos masculinos

Ao serem perguntados sobre o que é necessário para que um relacionamento dê certo, os aspectos mais citados foram amor e confiança.

“Primeiramente confiança... Com certeza absoluta, confiança... Esse negócio de beleza, assim, é um negócio que não tem muita coisa a ver.. Agora, principalmente confiança, é você poder acreditar em mim e eu poder acreditar em você, e até às vezes esquecer do mundo, entendeu...” (M1).

“Pra mim, no caso, teria que os dois estar se gostando, se amando mesmo, pra dar certo... Ter confiança mesmo, um no outro... Porque sem confiança, acho que não vai pra frente não...” (M2).

“Ah, um gostar do outro...” (M4).

Além disso, M3 citou o entendimento e aceitação de defeitos, e M5 falou sobre companheirismo:

“Ah... Como eu falei, ter entendimento com a garota... Sei lá, ela aceitar os meus defeitos, e eu aceitar os dela... Acho que é isso...” (M3).

“Um estar do lado do outro. (...) Pra sair, pra curtir, a mãe deixando, fala que está comigo... vai ter a hora em casa, aí que... tá amando.” (M5).

Sujeitos femininos

As respostas relativas à afinidade, fidelidade, sinceridade, ausência de mentiras e/ou traição foram predominantes:

“Ah, sinceridade, amor, se não amar não tem jeito, não vai ficar junto nunca... É... Afinidade entre as pessoas... É... Ser verdadeiros um com o outro, nada de mentira, porque mentira em relacionamento nunca dá certo, porque acaba um não confiando no outro... É... É isso, fidelidade, amor, ser verdadeiro um com o outro. Um pouco de paixão também é bom...” (F1).

“As duas primeiras coisas: tem que ter respeito e fidelidade. Porque eu acho que uma das piores coisas em um namoro é uma pessoa trair a outra pessoa.” (F2).

“Acho que assim... O principal assim, é... Ser amigo um do outro, ser companheiro... Entendeu... Saber dividir as coisas, saber conversar... Ter a sinceridade, em nenhum momento, assim... Mentiras... Acho que tem que ser aberto, ser sincero, jogar limpo... Acho que fidelidade...” (F3).

“Você tem um namorado, você tem que confiar nele e ele tem que confiar em você, senão o relacionamento não vai para frente” (F4).

A resposta que mais diferiu das demais foi a de F5, que se referiu ao amor (como F1), e a não ter brigas decorrentes de um querer “prender” o outro:

“Acho que as duas pessoas devem se amar muito, se gostar ‘pra caramba’ ter bastante carinho um para o outro e não ficar prendendo as pessoas, não ficar assim ‘ah você fez isso, eu também posso fazer, você saiu com seus amigos eu também posso sair com as minhas amigas’...” (F5).

Nesta categoria, todos os entrevistados citaram a confiança, fidelidade e sinceridade como importantes, sendo a traição algo negativo, o que combina com o que Outeiral (2003) fala, sobre o amor implicar no respeito pelo outro. Além disso, nosso estudo confirma o que Zagury (1996) constatou quando fez a mesma pergunta, obtendo respostas que se referiram à confiança mútua e fidelidade, apontados pela maior parte de seus sujeitos.

O amor, aspecto também citado por alguns de nossos sujeitos, foi destacado por Féres-Carneiro (1998), que afirma que a falta deste é, atualmente, uma condição justa para o desejo por separação.

Traição

Sujeitos masculinos

Todos os sujeitos perguntados sobre traição referem-se à mesma de uma maneira negativa, sendo que três citam dificuldades no relacionamento como um possível motivo para que ela aconteça:

“Eu acho que a traição ocorre quando as coisas não tão indo bem, que a pessoa, por exemplo, eu tô namorando com uma pessoa, e tem alguma coisa que falta nela que eu procuro em outra garota, entendeu.. Aí que ocorre a traição...” (M1).

“É claro, se tiver traição, não deve estar acontecendo uma coisa boa... É óbvio.” (M2).

“Traição... é coisa fatal... não gosto de trair porque... eu não gostaria, como eu estou gostando dela, se ela também está gostando de mim, não tem essa capacidade... de ficar me traindo, porque eu gosto dela e ela está gostando de mim, se eu traísse ela, ela também podia me trair também, porque nenhum estava certo, então terminava o namoro.” (M5).

Sujeitos femininos

A traição é condenada por todas as entrevistadas que foram perguntadas sobre o assunto (F1, F2, F3 e F5):

“Agora, se acontecer contigo, acabarem te traindo, é inaceitável isso... (...) Sei lá, você gosta de estar com aquela pessoa, entendeu, você dá o maior

valor àquela pessoa, você gosta e tudo... Aí a pessoa vai, sei lá, e procura nos braços de outra pessoa o que você já tem, o que você dá, e não valoriza o sentimento que você dá àquela pessoa, vai procurar outro pra poder saber...” (F1).

“Se um trai o outro, perde o respeito da pessoa... Sempre vai ter uma coisa pra jogar na cara, não vai mais ser a mesma coisa, não vai ser como era antes...” (F2).

“Eu não perdoaria uma traição... Eu não pararia de falar com a pessoa, agiria na boa, continuaria sendo colega... Mas perdoar, pra voltar, não...” (F3).

“Acho muita ‘sacanagem’, porque quando eu traio, assim, eu falo, mas dificilmente eu traio uma pessoa, porque quando eu traio é porque uma pessoa chegou no meu ouvido: ‘pô, vi fulano com outra’... aí já começa a ficar estranho com o garoto que eu fico... (...) Quando eu vejo, eu passo logo em frente, vejo se está saindo com a fulana, aí eu vou e saio com outro, eu acho traição uma sacanagem” (F5).

F1 e F5 explicam o que acham sobre os motivos que levam à traição:

“Ah, deseja outras pessoas, porque quer algo diferente, às vezes ta enjoado... Depende muito do local, da situação, do momento...” (F1).

“Acho que é porque a pessoa não sente mais atração pelo outro, se for traição é porque não sente tesão pela outra, não gosta mais da pessoa, ou então está se sentindo inseguro com o garoto que fica, aí começa a traição...” (F5).

Apenas F1 explicita a opinião de que nem sempre a traição significa falta de amor:

“Tipo assim, tem pessoas que amam mesmo, que gostam muito, mas traem, entendeu... Nem sempre traição, pelo menos eu vejo assim... nem sempre traição é uma coisa de não estar gostando, porque tem gente, cara, que tá

namorando, tá casado, tá ficando, sei lá... (...) Não é porque a pessoa traiu que não gosta da outra. Na verdade gosta muito, sabe, mas naquele momento acabou rolando, entendeu, não teve como evitar que acontecesse...” (F1).

Todos os entrevistados condenam a traição, o que está de acordo com suas respostas sobre os itens necessários para que um relacionamento dê certo, em que os principais apontados foram confiança, fidelidade e sinceridade.

Virgindade e sexo

Sujeitos masculinos

Todos os sujeitos afirmam que a virgindade não é algo essencial para que namorem ou deixem de namorar uma garota, sendo os relatos mais expressivos os seguintes:

“Lance de casamento... Eu acho que esse negócio de casamento é muito do fundamento do lugar, eu acho que acontece isso muito em alguns países... Ou religiões.. Só pode casar, só pode tirar a virgindade depois que casar... Eu acho que não tem isso, o corpo é da pessoa, a hora que ela achar que tá certo, entendeu...” (M1).

“Ah... Antigamente acho que era muito importante isso... Também, você nunca vai querer uma garota que já saiu com deus e o mundo... Mas, pô... É importante, mas não é aquela coisa necessária... Hoje, por exemplo, você não casa com uma garota só porque.. Ela sendo virgem...” (M3).

“...Se ela for virgem ou não, eu vou pedir para ela (pra namorar)... pedir pra ela, aí vai ter um romance, só nos dois sem ninguém atrapalhar, é isso...” (M5).

Os sujeitos estabelecem uma grande diferença entre ser virgem para o homem e para a mulher:

“Não sei, eu creio que pra mulher seja diferente essas coisas... (...)Não sei, deve pensar mais em sentimento antes de fazer as coisas...” (M1).

“Algumas pessoas que gostam de ficar com garota virgem, porque de repente aquela pessoa não é falada... ‘Ah, ela não é virgem, isso e aquilo outro’... Tem outros que nem ligam. Depende. Assim, no caso, eu estando gostando dela, vou ficar com ela assim mesmo...” (M2).

“Um homem que é virgem, pelos amigos, é visto como veado, coisa assim... Nem todos, mas é visto como veado, porque não quer, e tudo mais... A mulher... A mulher é a santinha, quando ela é virgem...” (M3).

“...Acho que pra mulher é diferente... (...) Pra mulher é mais difícil... (...) Porque.. Acho que... Sei lá... Difícil, porque tem que estar preparada...” (M4).

“Acho que pro garoto não importa não...(..) Porque o garoto é bem... bem assanhado.” (M5).

M1 refere-se, criticando, a seu primeiro relacionamento sexual, que se deu “sob pressão”, pois poderia passar uma imagem ruim caso não ocorresse. Fala ainda de mentiras quando era virgem:

“Eu... não sei, eu menti até os 15 anos sobre virgindade... (...)Aí teve uma ocasião que eu tava na casa de um amigo meu e conheci uma garota... (...) Aí acabou eu ficando com essa garota e eu falei ‘pô, vamos ver qual vai ser’, e ela se atirando pra cima de mim... Achando que eu não era mais virgem, e eu era virgem, entendeu... E eu não sabia o que fazer, fiquei totalmente nervoso... Aí acabou que perdi a virgindade pra ela... (...) Eu preferia muito mais ser virgem agora e perder com uma garota certa, do que ter perdido pra aquela garota...” (M1).

O mesmo sujeito fala sobre a necessidade do sentimento para ter uma relação sexual:

“Quando tem sentimento sai muito melhor as coisas, sabe... (...) A hora certa eu acho que é fazer com a pessoa que você gosta, não importa o lugar, se é rua, hotel, corredor... Porque eu acho que fica tudo diferente... Fica totalmente diferente as coisas...” (M1).

Sujeitos femininos

Todas as entrevistadas que ainda são virgens (F1, F2, F4 e F5) afirmam querer perder a virgindade em um momento “especial”, sendo as falas de F1 e F5 as mais ilustrativas:

“Por exemplo, eu vejo a virgindade como um momento especial, entendeu... Pô, virgindade... primeira vez até, entendeu, você estar com uma pessoa especial... Especial assim entre aspas, entendeu... Uma pessoa que... Se você acha que é o momento certo, se aquela pessoa é a certa, eu acho que tá na hora de perder a virgindade. (...) Você sabe realmente quando é o momento, se tiver rolando aquele clima mais assim... Se você sente alguma coisa, não digo gostar, mas se tiver afinidade com aquela pessoa, se você acha legal naquele momento, é a hora certa...” (F1).

“Por eu ainda ser virgem, eu namorei um ano e meio uma pessoa, eu gostava dele ‘pra caramba’, só que ele falou ‘se você estiver na hora certa, você vai fazer comigo, se não estiver, não posso fazer nada’...” (F5)

Todas as entrevistadas referem-se à necessidade, tanto da perda da virgindade, como de qualquer outra relação sexual, não ocorrer com uma pessoa qualquer:

“... Eu acho que não tem que estar... estar... tipo assim, ficando com qualquer um, transando com qualquer um porque acha ‘ah, eu tenho que perder a virgindade’. (...) Pô, cara, primeira transa e primeiro beijo, a gente leva pro resto da vida. Então não tem que transar com qualquer um só pra perder a

virgindade. Tem que esperar, cara, o momento certo, porque você vai carregar aquilo pro resto da vida...” (F1).

“Eu acho que pra fazer sexo com uma pessoa, não tem que fazer por prazer, acho que tem que gostar da pessoa... (...) Assim, deve ser estranho você não gostar de uma pessoa e fazer sexo com ela... Pode até rolar, mas não sei...” (F2).

“Eu sou virgem, acho legal, acho maneiro, eu quero uma hora certa para mim, uma hora certa para mim mesmo quando eu estiver gostando muito de um garoto, tiver confiança nele, aí pode até rolar, mas se não tiver gostando...” (F5).

Todas afirmam que não teriam relações sexuais com alguém na primeira “ficada”, apesar de citarem isso como algo que costuma ocorrer:

“Se você ficar com uma pessoa, aí já transar com ela, sabe, no mesmo dia, isso eu acho errado... Porque, sei lá, acho que pra você, sabe, transar, fazer sexo com uma pessoa, você tem que... Não sei, tipo, conhecer... (F1).

“Assim... Depende de cada pessoa isso aí... Muitas pessoas, basta ficar... Ficou com a pessoa uma vez, já rola... Eu não acho legal, porque pra começar, você nem conhece a pessoa direito... Não sabe o que ela faz, essas coisas...” (F2).

“Acontecer separadamente pode (fazer sexo sem amor), você vê essas meninas hoje em dia... (...) Porque tem pessoas que faz porque gosta, gosta de sair à noite na balada, ficou com o primeiro... E foi, transou... E no dia seguinte já não importa mais... (...) Eu não faria... Entendeu... Acho que se a pessoa se sente bem, bom pra ela, mas eu não faria isso...” (F3).

“...Porque todo mundo não liga...o pessoal hoje em dia não liga mais para isso não... (...) Para sentimento... Sai dando para quem quiser” (F4).

Duas entrevistadas falam sobre a mulher ficar mal vista quando tem relações sexuais na primeira vez que “fica” com alguém, o que não acontece com o homem:

“Geralmente é vista como galinha, que não presta, isso e aquilo... ‘Pô, a mulher, na primeira noite...’ Entendeu... Já vi uns caras falarem assim: ‘fiquei com ela, na primeira noite, ela já...’ e por aí vai... geralmente não fica uma visão muito boa...(...) O homem, cara... A visão dele é totalmente diferente da nossa, porque pra eles, eles vêem isso como um troféu, entendeu... (...) A mulher leva uma fama totalmente inversa à do homem... O homem não, se for visto assim, pra ele é o máximo, é visto como troféu mesmo pra ele... Mas pra mulher não, pra mulher é uma fama ruim, de que não presta, essas coisas...” (F1).

“Acho que com o tempo, a gente levando, rola, na boa... Mas não no primeiro dia, te vi, tô ficando, foi... Rolou, entendeu... Acho que mesmo pra própria mulher... Eu não me sentiria bem no dia seguinte... Me sentiria assim “ah, foi fácil demais”, entendeu... (...) Eu me sentiria mal, me sentiria muito dada, sabe... Acho que minha auto estima não ia ficar legal não, acho que ia me por pra baixo legal...” (F3).

O medo e a expectativa em relação à primeira vez são citados por F1, F3 e F5:

“A pessoa que ainda é virgem geralmente tem muito medo... Tem muito medo... ‘Pô, como vai ser’... E tem muita gente que fala muita coisa, ‘ah, é isso, é aquilo, não sei o que’, e você se sente um pouco diferente, porque você ainda não passou por aquilo ainda, e elas já passaram, sabem como é, entendeu...” (F1).

“A garota é virgem, lógico que vai ficar morrendo de medo, fica tensa... Entendeu... ‘Ah, vai doer, não vai doer’... E... Pra menina eu acho mais complicado...” (F3).

“...Agora, já a mulher fica mais nervosa, fica falando ‘será que ele vai querer olhar para minha cara de novo? Será que vai querer só uma vez comigo, só para tirar a minha virgindade?’” (F5).

A maior parte das entrevistadas faz alguma referência à idade para a perda da virgindade:

“Hoje em dia, depende da idade, entendeu, tipo assim, garota de 15 pra cima, chegar e falar ‘ah, não sou mais virgem, não sei o que’, isso é absolutamente normal entre um grupo de amigas. É... quatro amigas, se todas elas já perderam a virgindade e você não ainda, às vezes você se sente meio assim, diferenciado dela, de não ter rolado ainda, você se sente meio assim... Mas sei lá, você não tem que ficar preocupado com isso... (...) Agora você não tem que ficar se preocupando em perder a virgindade com qualquer um porque você tá com 20 anos e ainda é virgem, entendeu... Acontece simplesmente que não apareceu a pessoa certa ainda...” (F1).

“Não rolou porque eu me achava muito nova, e ainda me acho, entendeu... E ele respeitava. (...) 15, 16... Mais 16 (Perguntada sobre uma possível idade para perder a virgindade) (...) Não sei, acho que eu vou estar mais experiente, vou estar me sentindo mais preparada...” (F2).

“Acho que ainda vai demorar. (...) Porque tem que ter toda pessoa certa para mim, quero alguém que seja igual a eu, que goste de mim do jeito que eu sou hoje” (F5).

F3, a única entrevistada “não-virgem”, emitiu sua opinião sobre a perda da virgindade:

“Bem, ainda mais assim, no começo de um relacionamento, se a menina for virgem... Aí demora pra acontecer... Aí continua aquele lance ainda de gostar... E com o tempo vai, entendeu... E quando já tá amando o sexo rola... (...) Tá ali naquele momento, pra mim é coisa de momento, pra mim, assim... É coisa de momento...” (F3).

A maior parte dos sujeitos entrevistados encontra-se na etapa da “adolescência média”, entre os 14 e os 17 anos, segundo divisão proposta por Outeiral (2003), período em que, além das transformações corporais, já se

verificam questões relativas à sexualidade, o que se fez presente na fala dos entrevistados.

Um dado relevante observado foi o fato de que, entre as meninas, apenas uma não era mais virgem, sendo esta a que teve o relacionamento amoroso mais duradouro, de quatro anos, com um namorado. Já no grupo masculino o que se verificou foi o inverso: apenas um sujeito disse ainda ser virgem, sendo ele o mais novo de todos os entrevistados. Como nenhuma das entrevistadas é maior de 17 anos, pode vir a ocorrer uma semelhança em relação ao estudo de Heilborn (1999), com mulheres das camadas médias da população, que apontou para a perda da virgindade entre os 15 e 17 anos, por aquelas que tinham entre 21 e 32 à época da pesquisa. Em relação aos rapazes, não temos dados para informar a idade média da primeira relação sexual, porém sabemos que, para todos os não-vingens, esta ocorreu até os 17 anos, o que parece se aproximar com os dados de Jablonski (1998b), com jovens universitários, cuja atividade sexual se iniciou com 16 anos e 3 meses.

O grupo feminino citou uma ligação estreita entre sexo e sentimentos (o que apenas um sujeito masculino citou), o que está em consonância com as entrevistadas por Heilborn (1999), que mostraram preocupação com a escolha do parceiro e planejamentos sobre a iniciação sexual, para a qual o amor foi descrito como essencial. Os dados são, ainda, semelhantes aos de Fiúza (1990), que estudou jovens das camadas médias da população, que consideraram o sentimento como necessário para o ato sexual, o que o autor indica como representando um ideal mais tradicionalista. Monteiro (1999), em pesquisa com jovens de classes populares, também observou a necessidade da perda da virgindade, para as meninas, com alguém com quem se tenha um vínculo amoroso.

Os sujeitos mostraram concordar com a idéia sobre virgindade originada com o movimento feminista, iniciado no século XIX, em que a mulher não precisaria mais ser virgem para casar, gozando de uma sexualidade mais livre e espontânea, inclusive vendo como possível, em alguns casos, a maternidade fora do casamento. Este tipo de pensamento, em consonância com o estudo de Jablonski (1998b), com jovens universitários, que não consideram a virgindade essencial para o sucesso de um matrimônio, e a idade apontada pela maior parte das entrevistadas como adequada para uma primeira relação sexual, combina com o que Rubin (1989, citada por Giddens, 1993) aponta, sobre a mulher chegar ao

casamento com maior conhecimento e experiência sexual do que no passado. Apesar da virgindade não ser uma necessidade, uma mulher que tem relações sexuais com muitos homens também não é desejada pelos garotos, o que está de acordo com a observação da autora supracitada, sobre a divisão, feita pelos jovens, entre “garotas decentes” e “garotas vadias”.

Como na pesquisa de Heilborn (1999) com mulheres das classes populares, em que verificou importantes distinções entre os papéis masculino e feminino, a diferença de gêneros se mostrou presente em nosso estudo, quando os entrevistados referiam-se a virgindade e sexo. Os sujeitos de ambos os sexos indicaram haver uma distinção entre a visão que se tem de uma mulher que “fica” com muitos, ou que tem relações sexuais na primeira “ficada”, de um homem que faz o mesmo, sendo que, enquanto a mulher pode ficar “falada” ou pode ser considerada “galinha”, o homem passa a ter uma “reputação”. Assim, para que o homem se sinta valorizado, é necessário que se relacione com mulheres mais “difíceis”, conforme a autora citada observou. Da mesma maneira, um sujeito refere-se ao homem virgem ser visto pelos demais como “veado”.

Este fato pode ser relacionado às idéias sobre a formação de identidade, propostas por Knobel (1981), que afirma que a mesma resulta da combinação entre “o que eu penso que sou”, “o que os outros pensam que eu sou” e “o que eu penso que os outros pensam que eu sou”. Assim, ser “falada”, “galinha”, “veado” ou “ter reputação” somam-se a outros aspectos para definirem quem são, fazendo com que evitem ou busquem certas situações. Além disso, ser considerado “veado” por seus iguais agrava as ansiedades relativas à definição sexual, que na adolescência não é sinal patológico. Segundo Blos (1996), de maneira semelhante à criança pequena, o adolescente tende a realizar uma relativa cisão do mundo, classificando coisas e pessoas de maneira segmentada, processo necessário para que se alcance um meio termo, atingido com a passagem para a idade adulta. As classificações negativas citadas pelos sujeitos podem ser consideradas como expressão dessa cisão, estando incluídas no universo do “ruim”, “mau”.

Quando M1 descreve sua primeira relação, como tendo ocorrido por “pressão”, podemos sugerir que estivesse buscando testar suas capacidades (Silva, 2002), além de sentindo-se compelido a cumprir a demanda social de mostrar-se homem para os demais (Heilborn, 1999), buscando, assim, alguma definição de sua identidade.

Gravidez

Sujeitos masculinos

Três sujeitos referem-se à gravidez na idade deles como algo ruim, devido a aspectos financeiros, e mesmo morais:

“Gravidez precoce eu acho horrível... (...) Eu acho que é precoce quando a pessoa não tem uma vida estável ainda, não consegue nem se segurar financeiramente, e já quer ter um filho...” (M1).

“Gravidez... Quando você é jovem, como eu, assim, não é legal você ter um filho... Porque você tem que criar, e tudo mais... Não é o momento certo, é bom você ser formado, ter um padrão de vida melhor, pra depois ter um filho e poder dar pra ele o melhor... Até melhor do que você teve... Eu acho isso... É uma coisa legal, mas que tem que estar no momento certo...” (M3).

“Bom, a garota de 14 anos já tendo filho, pô, isso é meio estranho, né... (...) Estranho por causa da idade dela, pega mal pra caramba... já é nova já, tendo neném... (...)Ela vai sair na rua, todo mundo olhando, ‘pô essa garota tem 14 anos, já tá com filho’” (M5).

M1 é o único dos sujeitos que cita o aborto:

“O aborto, entendeu... Não sei, tanto religiosamente como naturalmente, eu acho o aborto uma coisa... Um assassinato, entendeu... Você estar proibindo que uma vida prossiga, você tá matando uma vida... Eu tenho esse pensamento, mas se amanhã ou depois eu engravidar uma garota, eu nunca vou querer que ela aborte...” (M1).

Sujeitos femininos

A totalidade das entrevistadas mostra uma posição contrária à gravidez na adolescência, referindo-se à falta de condições para manter um filho, citando especialmente a dificuldade financeira.

“Se você quiser ficar grávida e tudo, acho muito bom, muito bom... Ter um filho eu acho que deve ser tudo de bom. Agora, se for um filho indesejado, assim, sabe, se você não tiver condição de manter, entendeu, acho que você tem que evitar, se não tiver condição de manter, sustentar, porque querendo ou não, um filho dá trabalho pra caramba, se você não tiver condições, nem seu parceiro tiver condições de manter, acho que você não tem que botar um filho no mundo pra sofrer...” (F1).

“Na minha idade eu acho que não é legal... Primeiro, porque você não tem responsabilidade pra cuidar de uma criança... Quer dizer, com certeza vai ficar mais nas costas dos nossos pais, a gente não tem um emprego... A gente tá mais estudando, curtindo a vida, essas coisas...” (F2).

“Você tem que parar de estudar... Aí quando nasce, tem que trabalhar... Aí você vai deixar seu filho com quem, vai deixar com sua mãe? Entendeu, eu não acho legal...” (F3).

“Porque a pessoa (adolescente) é burra, porque não trabalha... às vezes não tem juízo, não trabalha, mora com os pais e não tem nenhuma renda dela mesmo, aí vai, fica grávida, tem filho e perde toda a adolescência dela criando filho” (F4).

“...Tem várias colegas minhas com 14 anos já têm filho, pararam de estudar, mas: ‘pô aí, estraguei minha vida, tô grávida agora’... (...) Tem o filho de uma colega minha que nasceu, e ela: ‘pô aí, estraguei minha vida’... Até hoje fica meio assustada: ‘pô eu tenho um filho, não posso nem arrumar um emprego porque não terminei a sétima (série)’” (F5).

Duas entrevistadas (F1 e F3) colocam o aborto como uma possível e extrema solução para uma gravidez indesejada. As demais não comentam sobre o assunto:

“Se não tem como manter, acho que tem que abortar (ri sem graça)... Infelizmente... Entendeu, porque aborto é a última das últimas das últimas

hipóteses que você tem que pensar, entendeu... Pô, tá tirando a vida de alguém, um filho seu, pô... Sei lá, tem que pensar muito pra não fazer besteira.” (F1).

“Eu acho que se eu tivesse um filho agora, eu tiraria... É o meu ponto de vista... Tiraria mesmo, por causa da minha idade... Eu sou muito nova...” (F3).

Todas as entrevistadas de alguma maneira estabelecem certos itens necessários antes de engravidar:

“Agora, se for um filho indesejado, assim, sabe, se você não tiver condição de manter, entendeu, acho que você tem que evitar, se não tiver condição de manter, sustentar, porque querendo ou não, um filho dá trabalho pra caramba, se você não tiver condições, nem seu parceiro tiver condições de manter, acho que você não tem que botar um filho no mundo pra sofrer... Agora, se você quer, se você sabe que vai ter condição de manter o seu filho, dar educação como ele merece, sustentar, vai fundo, é isso aí, a vida continua...” (F1).

“... Na minha idade eu não acho legal não... Mas tipo, se a pessoa já tem uns 25, 20 e pouco anos... Pô, legal, super 10... Mas aí também tem que ter todo um planejamento, a pessoa tem que ver se ela quer, se ela quer ter um filho... Tem que ver a situação, tudo...” (F2).

“Então acho que primeiro tenho que viver minha vida, meus planos... É... Concluir minha faculdade, depois pra lá... Se Deus quiser, me casar... Aí sim, quando tiver minha vida estruturada... Pensar em gravidez...” (F3).

“Gravidez para mim só depois dos 28 anos... (...) Porque é uma idade que alguém, assim...já se formou, já tem uma casa, um padrão de vida para cuidar de filho...” (F4).

“Porque se eu casar, aí eu vou ficar grávida, aí eu não vou poder terminar a faculdade, aí eu prefiro fazer tudo assim direitinho, certinho...” (F5).

Quando perguntados sobre gravidez, a maior parte dos sujeitos, masculinos e femininos, mostrou-se contra a mesma, na adolescência, especialmente por dificuldades financeiras para sustentar um filho. Trindade e Menandro (2002) obtiveram dados semelhantes ao estudar a vivência de paternidade em grupos de rapazes de classes média e baixa, que indicaram como principais transformações em suas vidas, após terem filhos, a necessidade de trabalhar, para obter um ganho financeiro, além de ter sua liberdade restringida, o que foi apontado por duas entrevistadas em nosso estudo (F3 e F5).

Apesar da gravidez na adolescência ser uma questão diretamente vinculada ao aumento da pobreza (Buvinic, 1990), verificamos em nosso estudo uma grande quantidade de falas preocupadas com a mesma, o que nos leva a pensar que não seria vista como um projeto de vida, como apontam Macedo e Souza (1996), referindo-se às classes populares, mas um problema que teria de ser solucionado.

Início da adolescência

Sujeitos masculinos

Quando perguntados sobre o que marca o início da adolescência, alguns sujeitos referiram-se a mudanças de pensamento, curiosidades e alterações no corpo e na relação com os pais:

“É a interrogação. (...) Tudo. Quer saber tudo. Tudo, tudo, tudo... Mas tudo, tudo, tudo mesmo. O que é a vida. O que eram as drogas. O que fazia de bem, o que fazia de mal, o roubo, o piche...” (M1).

“O convívio com as pessoas... No caso, eu não vou mais andar com crianças, vou andar com gente da minha idade.. Eu dali, vou aprender coisas novas... Vão vir coisas novas pra mim, que eu vou ter que aprender... (...) No caso, não fico muito preso... No caso, quando eu era criança, não podia fazer quase nada... Só com ordem da minha mãe...” (M2).

“Forma de pensar... Agir, em algumas coisas... (...) Assim, por exemplo, em relação a uma garota... Você muda seu pensamento em trabalho... O que você deve fazer, em determinada hora, o que você não deve fazer... Ver que a vida não é só brincadeira, você começa a pensar em outras coisas, pensar até mais, assim... Em vez de você ficar pensando no pai pra pegar dinheiro, na mãe pra pegar dinheiro... Você começa a ver, na adolescência, que não é bem assim, que pra ganhar dinheiro precisa de uma batalha, e tudo mais... Você já não quer só pedir, você às vezes quer ajudar, entendeu... Muda várias coisas na forma de pensar...” (M3).

“É que... não vai mais... brincar com as crianças, vai tá... vai tá brincando com moleque da tua idade, vai tá criando pelinho... é... no saco, no... sovaco, aí vai mudando... aí começa sua mãe já deixa sair, aí... voltar a tal hora, não é mais uma criança, já pode ser um moleque responsável.” (M5).

Sujeitos femininos

A maior parte das entrevistadas coloca que uma marca da adolescência é o fato de saírem mais do que antes, sendo que algumas destacam o fato de os pais continuarem as tratando como crianças, e do controle de horário para voltar para casa:

“Muda que você quer sair mais, quer sair sozinha, e a tua mãe ainda tá ali como se você ainda fosse uma criança mesmo... (...) Não é bom você perder a confiança, fazer algo que ela não gostou... Porque aí não tem segunda chance não, dificilmente, e vai ter aquela desconfiança... Não vai ser mais aquela coisa...” (F2).

“Pra mim a adolescência começou a partir dos... 14 anos, assim... Que meus pais deixaram eu sair mais... É.. Tipo assim, eu poder sair de noite, e poder voltar de manhã, e falar: ‘ó, mãe, tô chegando tal hora’, mas eu procurei ganhar aquela confiança primeiro...” (F3).

“...A mãe continua chamando de criança... (...) ...Antigamente só podia ir a algum lugar e chegar antes das 10, agora não, pode chegar de manhã. (...) Tem que ter uma hora para voltar, mas não dep...antes das dez... que é normal. (...) Minha mãe começou a me liberar depois que eu fiz 15 anos...” (F4).

“Quando era mais nova, eu não pensava em sair com as minhas colegas, não pensava em ir ao shopping, não ia à danceteria com elas, não ia pro show, ficava mais na minha, agora não, já mudei mais... (...)...Meu pai me trata de um jeito diferente agora, trata como adolescente mesmo, me deixa sair, fala comigo “toma cuidado”, mesmo eu sendo adolescente, ainda tenho hora para chegar em casa...” (F5).

Apenas duas entrevistadas citam as mudanças corporais, sendo a fala mais ilustrativa a seguinte:

“Assim, quando você é criança, você passa na rua e ninguém mexe com você... Quando você já é adolescente, tem alguns até vulgares, que falam umas coisas horríveis... (...) O nosso corpo começa a mudar... Vem a menstruação, começa a nascer os seios, bunda começa a crescer, perna começa a engrossar... Essas coisas...” (F2).

As respostas dos entrevistados condizem com os conceitos atuais de adolescência, definida como uma fase de transformações biopsicossociais. Assim, há mudanças na relação com os pais, novos interesses (sair com amigos, por exemplo), além de alterações corporais. Desta forma, as opiniões emitidas estão em harmonia com o conceito de “síndrome normal da adolescência”, proposto por Knobel (1981), já que os sujeitos referem-se a novos aspectos relativos à sexualidade, que antes não eram observados (forma de olhar para garotas, forma como as garotas são olhadas, por exemplo), além de uma nova maneira de relacionarem-se com os pais, que passa a envolver uma maior liberdade, porém com cobranças de responsabilidades.

A caracterização do início da adolescência, para as meninas, como um período em que passaram a ter maior liberdade para sair com amigas pode ser relacionada com as idéias de Osorio (1992) e Blos (1996) sobre a busca novas

amizades com as quais o jovem passa a se identificar, substituindo, assim, os objetos antigos, correspondentes aos pais, até então exclusivos. Blos refere-se, ainda, ao envolvimento com grupos transitórios como um impulso reativo à ameaça da perda da integridade do ego. Podemos levantar a possibilidade dos sujeitos masculinos não terem destacado este aspecto por já gozarem de certa liberdade no período anterior à adolescência, não havendo um contraste tão expressivo para os mesmos, como acontece com as garotas.

O fato, citado por duas entrevistadas, dos pais ainda as considerarem como crianças, condiz com a instabilidade citada por Aberastury (1981), em que o adolescente ora mostra uma extrema dependência, ora aparenta ser independente, o que gera nos pais uma confusão relativa a como tratar os filhos. O mesmo pode ser visto sob o referencial de Blos (1996), que afirma que, no processo de individuação adolescente, a representação objetal dos pais ora é a infantil, ora mais madura, fazendo com que o jovem se relacione com os mesmos de diferentes maneiras.

As alterações corporais, citadas por um sujeito masculino e dois femininos, faz parte das mudanças da adolescência, a que o indivíduo assiste sem que tenha controle sobre as mesmas. Desta forma, F2 mostra ter percebido certas modificações a partir dos comentários dos outros, mostrando um grau de estranhamento em relação ao próprio corpo, natural nesta fase. Assim como são desejadas, as alterações são temidas, sendo que algumas parecem incomodar o adolescente, como é o caso da menstruação, citada por F2 como algo ruim, o que Knobel (1981) aponta como uma ansiedade diante de exigência da definição sexual da menina.

Final da adolescência

Sujeitos masculinos

Dos sujeitos perguntados sobre o que caracteriza o final da adolescência, dois referem-se a diferentes tipos de responsabilidade:

“Ah... Trabalhar... Quando você começa a trabalhar sério... às vezes quando você já tem um filho pra criar, a adolescência fica meio abalada,

entendeu... Essas coisas... Você tem mais responsabilidades, mais deveres pra fazer... Eu acho que a adolescência, assim, acaba, mas a juventude não...” (M3).

“Muda que você já tá... vai chegar a hora que quer em casa...mãe... a mãe já até deixa, já dorme já, não precisa esquentar porque aí já sabe o que ele vai fazer, né, se for pra polícia... se fazer a merda, a polícia pegar, vai dar um pau, vai chegar de olho inchado, depois a mãe vai perguntar...” (M5).

M1 relaciona a adolescência aos estudos:

“Eu acho que o colégio pode ser uma parada bem representada nisso... Por exemplo, eu acho que da quinta série até o terceiro ano você ainda é adolescente. (...) Acho que depois que você acaba o segundo grau, já acaba a adolescência junto. Mesmo que você acabe com 17 anos, ou que você acabe com 22... O segundo grau é a marca da adolescência.” (M1).

Sujeitos femininos

Três entrevistadas (F2, F3, F4) citam como características do final da adolescência a maior maturidade, responsabilidade, o trabalho e a possibilidade de se manter financeiramente:

“Você passa a ser adulto quando você começa a ter mais responsabilidade, quando você começa a trabalhar... Fazer essas coisas todas... (...) Assim, a partir do momento que você já arrumou um emprego, que você já tá levando aquela coisa mais a sério... Você tá vendo que a tua vida já tá mudando, que você tá dependendo de você mesmo pra se manter... Não tá dependendo mais dos teus pais... Pelo contrário, você já tá ajudando eles.. É a partir daí que você passa a tomar chá de “semacol” e vê que a vida não é só mais curtir, não é só mais brincar... A partir daí você já tem suas responsabilidades, em alguns casos as coisas pra pagar...” (F2).

“As pessoas dizem, né... Dos 18 pra cima, né? Dali acabou... Faculdade, trabalho, dali você já vai começar a pensar mais pra frente...No que você vai fazer, o que você vai desejar, a faculdade que você vai querer fazer... E morando com os pais, ajudar os pais em casa, nas despesas... Bem, é isso...” (F3).

“Quando você começa a trabalhar, a ter que se sustentar, ter que pagar aluguel, conta de luz, conta de água, conta de não sei o que mais... aí você passa a ser já uma pessoa adulta...” (F4).

A totalidade dos entrevistados de ambos os sexos caracteriza o final da adolescência como marcado pela maior responsabilidade, especialmente referente à aquisição de um emprego e da possibilidade de auto-sustento financeiro, o que condiz com aspectos citados por Osorio (1992) e Outeiral (2003). Outros itens, como o estabelecimento de uma identidade sexual e a capacidade de um relacionamento afetivo estável são também citados, porém não quando se referem especificamente ao final da adolescência.

Nosso estudo difere, no entanto, do de Monteiro (1999), com jovens das camadas populares, que indicou a entrada no mundo adulto, para mulheres, como caracterizada pelo casamento e maternidade, enquanto, para os homens, a entrada no mercado de trabalho seria o fator principal. Para nossos sujeitos, de ambos os sexos, a maturidade está diretamente relacionada ao trabalho, apesar das meninas incluírem o matrimônio e a maternidade nos planos para o futuro com maior frequência que os meninos.

Intimidade em casa

Sujeitos masculinos

Dois sujeitos referem-se a conversar com pelo menos um dos pais sobre relacionamentos e sexo, apesar de M1 ter restrições em relação a outros assuntos:

“É o que eu falo. Negócio de sexo, tudo, rola com a minha mãe. Só esse negócio de drogado que não rola com a minha mãe, porque a minha mãe tem esse

problema de não acreditar em mim. Minha mãe acha que eu tô me envolvendo com drogas...” (M1).

“Acho que é difícil eu guardar alguma coisa, não sei nem se eu guardei alguma coisa já... (...) Com a minha mãe, tem alguns (assuntos), que eu prefiro falar com o meu pai... (...) Sobre sexo... Tenho vergonha de falar com a minha mãe algumas coisas assim, mas eu acabo falando... Depois eu perco um pouco da vergonha, ainda mais que ela de vez em quando fica falando “não precisa ficar com vergonha de conversar comigo não!” ... Aí eu falo...” (M3).

Outros dois sujeitos, que moram apenas com a mãe, afirmam ter diálogos em casa, mas não sobre relacionamentos ou sexo:

“Não. Tem assuntos que eu não converso com ela (mãe), porque eu não acho legal... (...) Ah... Assim, sexo, essas coisas, eu não gosto de conversar com ela não... Prefiro eu me manter informado mesmo, procurar me manter informado sozinho...” (M2).

“Converso com ela (mãe) de vez em quando... (Conversa sobre relacionamento?) Não, várias coisas lá de dentro de casa mesmo que eu converso. (Por que você não conversa sobre namoro, ficar?) Acho meio envergonhado... (...) Acho que sou tímido.” (M5).

Apenas um sujeito (M4) informa que não conversa com os pais sobre qualquer assunto.

Sujeitos femininos

Sobre a intimidade que têm com os pais para conversar a respeito de relacionamentos e sexo, duas entrevistadas (F1, F2) afirmam que estas não ocorrem de maneira alguma:

“Sei lá, acho que a minha mãe tem a mente muito fechada, ela não senta pra conversar... tipo assim, ela não senta pra conversar comigo ‘pô, é isso,

cuidado com a primeira vez, usa camisinha’... Ou perguntar, tipo ‘você já transou, é virgem ainda?’... Ela nem comenta esses papos. (...) Meu pai não, eu não comento nada, eu não falo nada, porque ele também é todo na dele, mas minha mãe tem a mente, e os dois têm a mente muito fechada.” (F1).

“Se eu tenho algo pra conversar, não debato muito com a minha mãe... (...) Porque... Minha mãe... Ela é tipo... Assim... Ela é muito... Ela é muito brincalhona, muito criancinha, assim... (...) Sobre namoro, com quem eu fiquei, essas coisas... Nunca pedi nenhuma orientação a ela, e nunca pedi nenhuma orientação a ninguém, praticamente... É sempre por mim mesma, escuto, assim, a opinião de outras pessoas, mas tipo da... De algumas amigas, essas coisas...” (F2).

Três entrevistadas referem-se a um maior diálogo em casa, inclusive sobre aspectos de suas intimidades:

“Eu procuro conversar, pô... Com meu pai, que é uma coisa difícil de você ver, assim... Mais menina conversar com o pai.. Eu procuro sempre estar conversando com ele... Procuro sempre conversar com minha mãe, entendeu, tudo assim, que eu faço... ‘Pô, mãe, hoje eu fiz isso... Hoje eu fiquei com um garoto’... Eu chego em cima da minha mãe e digo: ‘Pô, mãe, fiquei com um cara...’. Ela sempre procura, assim, me dar conselhos...” (F3).

“Eu falo das minhas coisas e ela também me explica algumas coisas... (...) É, eu falo tudo para ela, tudo de mim eu falo para ela (perguntada sobre falar sobre relacionamentos).” (F4).

“Eu conto, porque eu não escondo nada nem do meu pai nem da minha mãe, não gosto de esconder nada para nenhum dos dois, porque eles são muito liberais, saem comigo, tudo, eles são muito liberais...” (F5).

F2 fala, ainda, sobre o fato da mãe querer saber sobre seus relacionamentos, mas fingir não sabe certas coisas:

“Assim, ela chega e fala: ‘pô, tu não me conta nada’, não sei que... Mas ela sabe, entendeu... Algumas coisas ela sabe e finge que não sabe...” (F2).

Não foi observada uma diferença entre os meninos e as meninas no que diz respeito à intimidade que possuem para conversar com os pais sobre relacionamentos e sexo. Quatro sujeitos (dois femininos e dois masculinos) afirmaram não ter esse tipo de conversa em casa, enquanto cinco (três femininos e dois masculinos) disseram falar abertamente. Este último dado, por corresponder à metade de nossa amostra, diverge daquele constatado por Zagury (1996), em que apenas 19,8% de seus entrevistados afirmam conversar com os pais sobre assuntos relativos à sexualidade. Parte dos demais jovens da pesquisa citada afirma que os pais “sabem, mas fingem que não sabem” da vida sexual dos filhos, o que condiz com a resposta de F2, sobre a mãe fingir não saber que ela “fica” com garotos. Este dado também está de acordo com o que Chaves (1993) fala, sobre muitos pais procurarem não pensar no assunto dos relacionamentos dos filhos, menosprezando o “ficar”, como apenas uma brincadeira.

Apenas um de nossos entrevistados, do sexo masculino, afirmou não ter qualquer tipo de conversa com os pais.

Diferenças entre a geração dos pais e a dos sujeitos

Sujeitos masculinos

Quando perguntados sobre as diferenças principais entre a geração dos pais e a deles, quatro entrevistados referiram-se espontaneamente ao fato de antigamente não haver um relacionamento como o “ficar”:

“Antigamente a coisa era muito mais ‘vou arranjar uma namorada e fico a vida inteira com ela’. Hoje não tem mais isso. Hoje é sair, zoar... Os pensamentos tão diferentes...” (M1).

“No caso, minha mãe falava que, antigamente, pra namorar, ela teria que casar... Agora não, agora tá tudo mais liberal... Hoje em dia já tá bem avançado, assim, todo mundo sabe o que é certo, o que é errado..” (M2).

“Ah, na época deles, acho que não tinha essa parada de ficar, tinha que ter um compromisso sério com a pessoa... O ficar da gente é claro, todo mundo sabe que eles tão ficando... Acho que na época deles eles deviam fazer as coisas meio escondidas, ninguém devia saber que eles estavam juntos, entendeu... Aí era mais ou menos o ficar deles, depois, quando já soubesse, era namoro...” (M3).

“Antes... Era... Mais difícil. Por exemplo, antes o namoro deles não era igual a esse de hoje em dia. (...) (Como é hoje em dia?) Ah, dos dois ficam namorando, se roçando... De antes não, de antes ficavam um ali, outro aqui.. Se olhando...” (M4).

Outra diferença citada foi a maior quantidade de informações que possuem atualmente, em comparação com a que seus pais tiveram:

“Eu sempre pensei em obter informações. Sempre pensei em ler coisas diferentes, sobre ciências, sobre a vida, pra saber... Ler jornal, ler revistas que falam sobre o mundo, pra saber onde é o mundo em que eu vivo... E como interagir sobre ele. E meu pai já não, entendeu...” (M1).

“Assim, no caso, as pessoas já tão bem informadas já... Antigamente não, antigamente, no caso... Minha mãe falou pra mim, pra namorar, você teria que casar...” (M2).

“Acho que é essa a diferença... Cigarro, eles fumavam em geral... Eles fumam, porque na época não tinha muita informação, assim, da mídia, sobre cigarro, proibido... Aí eles fumavam pra caramba, conheciam o cigarro muito fácil... A gente até tem o cigarro fácil, mas sendo que a informação de que o cigarro faz mal é bem maior... Sabe que é ruim...” (M3).

Sujeitos femininos

Quatro entrevistadas referem-se a uma maior liberdade atualmente, que os pais não viveram quando eram jovens, tanto na relação familiar, como em termos de relacionamentos amorosos:

“Ah, porque na época as pessoas geralmente eram muito mais fechadas que hoje em dia, entendeu... Naquela época, garota de 15 anos grávida era uma coisa absurda, fora do normal, não sei o que... Hoje em dia tem garotas de 12, 13 anos grávida aí, mãe de dois filhos, e tudo o mais, entendeu, e muitas vezes é normal, as pessoas olham e acham normal...” (F1)

“Bem, é o que eles dizem, né, muitas coisas que a gente faz, naquela época não podia, né.... (...) Aí teve uma vez que ela (mãe) falou assim: ‘ah, eu deixo você fazer muita coisa que na época minha mãe não deixava eu fazer... Eu acho que eu sou até liberal demais’. Aí meu pai falou assim: ‘Ah, naquela época os pais batiam, hoje eles conversam’. (...) Mas também há muito mais informações hoje em dia do que naquela época sobre o que eu falei, das drogas, gravidez, sobre muitas coisas...” (F3).

“Antigamente (sexo) só depois de casado... (...) ...Porque tinha que casar com quem seu pai mandava, às vezes nem gostava dele e nem conhecia... (...) A minha mãe não podia sair sozinha até 20 anos... Sair, só acompanhada do irmão, namorar, só acompanhada do irmão, tudo acompanhada do irmão... já eu não sou assim, eu saio sozinha, e namoro sozinha, fico com alguém sozinha, já ela não podia fazer isso... (...) ...Os pais vão ficando mais liberais, antigamente não era assim...” (F4).

“É, tem que ficar, já na época deles não ficava, já namorava, aí namorava três... cinco meses aí depois... já tinha sete, oito meses já estava casando, estavam noivos, dez meses já estavam casando, com onze já tinham filho, então...” (F5).

A maior parte das adolescentes refere-se a alguma compreensão por parte dos pais, relativa à forma como se relacionam hoje, sendo que apenas F1 fala de uma ausência de entendimento dos mesmos:

“Ela acha que ficar, é porque vai namorar... Namorar então, é porque vai casar... Tá namorando, é porque vai morar junto, casar... Ela é muito fechada, então eu, do meu jeito, tento falar que não é bem assim, mas ela não entende, não entende...” (F1).

“Ela sabe que eu fico, namoro mesmo.. Mas ela fica: ‘não, não sei...’.. Mas ela sabe... E com isso ela nem esquentou, nunca esquentou..” (F2).

“Ela entende, porque se ela é liberal assim, ela queria também ser assim, mas não pôde.” (F4).

“Não, eles entendem, eu falo: ‘pai fiquei com fulano, mãe fiquei com siclano’, aí eles: ‘ah legal, mas não é namoro?’ ‘Não sei, vou ver, estou pensando ainda’...” (F5).

A diferença mais apontada entre a geração dos pais e a dos sujeitos foi o fato de hoje terem maior liberdade, tanto em relação ao “ficar”, que não existia antigamente, como referindo-se ao sexo, que no passado só ocorria após o casamento. Estes dados combinam com a realidade histórica, especialmente no que diz respeito a um tempo anterior a meados do século XX, quando as concepções de amor, relacionamentos e sexo ganharam maior liberdade, a partir da chamada “revolução sexual”. Apesar dessas diferenças, a maior parte das jovens referiu-se a uma certa compreensão, por parte dos pais, sobre as novas formas de relacionamento, apontando para um aparente sucesso dos mesmos em cumprir o papel de “espectadores ativos”, como propõe Knobel (1981).

A opinião da maioria dos jovens do sexo masculino, de que atualmente há maior quantidade de informações disponíveis, condiz com a realidade, já que os meios de comunicação estão cada vez mais desenvolvidos e, por isso, os indivíduos mais aptos a obterem os dados desejados de maneira simples.

A descrição feita por M3 sobre como acredita que eram as relações no passado são muito semelhantes à realizada por Socci (1993), que explica como, no Brasil do início do século XX, o namoro se iniciava de maneira “secreta”, sem o conhecimento do pai e dos irmãos da moça, e tornava-se público quando o rapaz a pedia em casamento.

O que fariam com os filhos como seus pais fizeram

Sujeitos masculinos

As respostas para essa pergunta foram variadas. Dois sujeitos referem-se à liberdade que pretendem dar aos filhos, ressaltando que terão preocupações semelhantes às que seus pais têm:

“Eu teria total confiança nos meus filhos, ia virar um amigo deles, né, no caso... Não ia proibir eles de fazer nada... A não ser algumas coisas, né... Que sejam ruins pra eles mesmo.. Ia manter sempre informados, puxar muito no pé deles pra eles estudarem... Porque... Eu gosto de estudar, porque minha mãe também puxa muito no meu pé...” (M2).

“Eles (pais) têm medo do que as outras pessoas vão fazer (com os filhos), entendeu... Aí fica chatão...Eu penso assim: eu teria a mesma preocupação que eles têm... Eu acho que quando eu tiver meu filho, assim, eu também vou ter preocupação, é muito sinistro...” (M3).

M1 fala principalmente sobre qualidades da mãe, que gostaria de ter, criticando o pai:

“Pô, cara, do meu pai eu não tenho muito o que tirar, porque se eu for pegar meu filho e fazer como meu pai, se não tiver a cabeça que eu tenho, eu acho que eles vão começar a ficar errados... (...) Aliás, da minha mãe eu posso tirar a calma dela, a tolerância dela... A ajuda dela.” (M1).

Sujeitos femininos

Três entrevistadas (F2 e F5) falam sobre dar aos filhos a mesma liberdade que seus pais lhes dão, conversando abertamente sobre as coisas:

“De igual... Dar liberdade. Dar liberdade mas... Aquela liberdade que eu vou querer saber onde ele tá, com quem ele tá, com quem ele anda...” (F2).

“Ensinaria (aos filhos) as coisas boas da vida. (...) ... falava para ele (filho) qual é o caminho errado e qual é o caminho que ele deve seguir. (...) Foi feito comigo, minha mãe me ensinou... caminho errado e caminho que tenho que seguir.” (F4).

“De igual, eu ia ser igual como eles são comigo, liberais assim, falar tudo abertamente...” (F5).

F1 fala sobre dar amor, como a mãe faz:

“Ah, de igual eu teria o amor... O amor, cara, porque a minha mãe, eu reclamo pra caramba dela, mas eu também gosto dela pra caramba, entendeu... Ela briga, reclama, mas eu sei que ela gosta muito de mim, me ama, sabe... Eu quero passar isso pros meus filhos da mesma forma, ter amor por eles, carinho, tudo isso...” (F1).

Nesta categoria, podemos observar o que foi citado por Blos (1996), a respeito do chamado “conflito de gerações”, cuja solução, para alguns pais, é simplesmente satisfazer os desejos dos filhos, mesmo que estes lhes pareçam absurdos. Ao falarem sobre o que pretendem repetir, com os filhos, como os pais fizeram com eles, nossos sujeitos afirmam que darão aos filhos a mesma liberdade que receberam dos genitores, seja para conversar sobre assuntos diversos ou para deixá-los fazerem coisas, porém são capazes de colocar-se no lugar dos mesmos, afirmando que terão preocupações semelhantes. Assim, podemos perceber, através da fala sobre um futuro, como desejam mais do que pais que lhes deixem

fazer tudo o que querem, preferindo pais preocupados, que os controlam, que querem saber onde estão, com quem estão, estipulando horários para voltarem para casa. Mostram ainda uma relativa maturidade, na medida em que, embora considerem “chatas” as cobranças dos pais, podem compreender os motivos e identificar-se com as figuras adultas.

A “aversão” às idéias parentais, citada por Knobel (1981) não foi observada nos sujeitos estudados, sendo apenas citada por M1 em relação ao pai.

O que fariam diferente dos pais

Sujeitos masculinos

As respostas foram referentes à quantidade de filhos, ao modo de educar e a brigas em casa:

“Ter muitos filhos, porque minha mãe teve muitos filhos... (...) E a renda dela, assim... Antigamente... Não acho... Porque, no caso, eu não tenho pai, ele morreu... Agora já é todo mundo grande, eu sou o mais novo... Todo mundo trabalha, mora na sua própria casa...” (M2).

“Faria diferente? Bater, eu acho que ia deixar de bater um pouco, entendeu? Até que ele bateu até os 6 anos, ele fez isso comigo que eu sei, mas pô, eu acho que não ia conseguir educar muito batendo, acho que ia sempre através de ensinar o certo, entendeu, mostrar mais o certo e colocar castigo, acho que não precisa bater, entendeu, acho eu faria diferente.” (M3).

“Ela (mãe) falou para mim que casou, aí depois separou do meu pai... porque sempre brigava... aí minha mãe acabou ficando com nós três mesmo, meu pai não queria mais nem saber... por mim, eu ia cuidar do meu filho, ia pegar meu filho depois não ter mais dor de cabeça, né... sempre ali na paz...” (M5).

Sujeitos femininos

As respostas dadas foram variadas:

“Comigo eu acho que vou ser aquela mãe daquelas bem liberais, daquelas que... brinco com meu filho, converso com ele, do jeito que converso com minhas amigas... (...) Vou estar orientando ele de uma forma que eu não sou orientada, digamos assim...” (F2).

“Não enchia o saco deles! ‘Já fez isso? Já fez aquilo? Foi para escola hoje? Não sei o que...’. Essas coisas...” (F4).

“Diferente...deixa ver...eu não... eu não compararia muito meu filho com a outra filha que eu tenho...” (F5).

As respostas para essa categoria foram bastante variadas, mas os entrevistados parecem ter se referido à maneira como gostariam de ter sido educados pelos pais, muitas vezes envolvendo um certo grau de onipotência ao imaginarem-se “amigos” dos filhos (F2), ou sem fazer certas cobranças necessárias, porém consideradas como antipáticas pelos adolescentes (F4). Dois sujeitos masculinos (M3 e M5) falam a respeito de brigas, um referindo-se aos filhos e outro ao próprio casal, destacando-as como algo negativo.

Planos para o futuro

Sujeitos masculinos

Três entrevistados citam o desejo de cursar uma faculdade, dois falam de uma carreira militar, e todos referem-se a ter um emprego:

“É o que eu tava falando, sobre futuro, é... Preparar tudo cedo. Por exemplo, trabalhar muito, porque o mundo tá globalizado. (...) Meu sonho é ter uma boa faculdade, pra ter um bom emprego, pra ter uma boa namorada, pra ter

bons filhos. Pra poder passar boas experiências, pra que eles possam passar pros filhos deles...” (M1).

“Ah... Eu vou me formar em informática, no caso... (...) Ah, eu penso em construir minha vida logo cedo... Porque no colégio que eu estudo, assim que você termina o terceiro ano, tem um estágio pra você fazer em dois anos... Em dois anos, você vai pro B. (banco)... No caso, acho que lá eu poderia arranjar um emprego legal...” (M2).

“Tenho que ficar mais velho um pouco, quero... ser militar, mas quero ver como ver como vou encarar essa assim e fazer Capoeira ao mesmo tempo, porque é brabo! Quero fazer informática, mas é... trabalhar com isso, entendeu, fazer digitação, informática, espero assim, ser feliz.” (M3).

“Ah, trabalhar, estudar, e só...” (M4).

“Quando chegar em 18 anos, chegar...é servir, ficar lá dentro até virar cabo, depois tenente, daí para frente seguindo carreira lá dentro... (...) Depois de 18, daqui a pouco arranjar um emprego...” (M5).

Dois sujeitos falam sobre o desejo de dar aula de Capoeira:

“Quem sabe sendo um bom professor de capoeira, divulgando o grupo. Às vezes eu tenho uma viagem louca de ter uma academia do grupo (de Capoeira), botando um símbolo enorme, com vários berimbaus espalhados...” (M1).

“Ah não sei, eu quero dar aula de Capoeira, mas eu acho que agora não é hora ainda para mim, entendeu?” (M3).

Apenas dois sujeitos (M1 e M3, já citados) referem-se espontaneamente ao desejo de casarem-se e terem filhos, um fala dessa vontade apenas quando perguntado:

“Ah, é óbvio, claro... Ter minha família, só isso, só... (...) Ah... Penso ter uma família legal... Sem brigas, como muitas pessoas ficam brigando por aí... Só isso.” (M2).

M5 fala sobre a dificuldade que vê em um possível casamento:

“Casar? Casar é meio difícil. (...) Ter filhos, acho que quero ter um ou dois, porque três já... é muita paciência ter três filhos. (...) Casar... aí você tem que pensar muito...”

Sujeitos femininos

Quando perguntadas sobre os planos que possuem para o futuro, todas as entrevistadas mencionam em primeiro lugar o desejo de fazer uma faculdade, citando ainda um emprego, estabilidade financeira, casamento e filhos. Eis os relatos mais ilustrativos:

“Eu penso um pouco, tipo assim, fazer faculdade, casar, ter meus filhos, isso e aquilo, ter uma profissão... (...) Claro, eu quero terminar meus estudos, me formar, quero casar, ter meus filhos, mas sei lá, cara, tá tudo assim tão difícil, tão difícil hoje em dia, a gente tem tantos sonhos, e tudo a gente vai perdendo a esperança...” (F1).

“Planos pro futuro.... Terminar os estudos... Quero me formar psicóloga... Ou eu queria me formar... Queria fazer duas faculdades, pelo menos eu pretendo... Psicóloga e astronomia. Astronomia ou astrologia, sei lá... Coisa que estuda as estrelas...” (F2).

“Então acho que primeiro tenho que viver minha vida, meus planos... É... Concluir minha faculdade, depois pra lá... Se Deus quiser, me casar... Aí sim, quando tiver minha vida estruturada... Pensar em gravidez... (...) Pretendo não ter que passar por coisas ruins, tipo, ralar pra caramba pra ter as coisas que eu quero, que é ter minha casa, fazer minha faculdade, ter meu próprio negócio,

entendeu...(...) Nessa idade que eu penso ter meu filho... Eu pretendo ter dois... Queria ter um casal, né, acho que é o sonho de qualquer mulher... E pretendo adotar um, eu tenho a maior vontade de adotar uma criança, assim..” (F3).

“Eu? Eu estou pensando... eu vou estudar para medicina veterinária, não vou casar agora, posso até morar junto, mas vou fazer minha faculdade agora, depois que terminar minha faculdade, vou casar, arranjar um emprego, ter um filho só...” (F5).

F4 mostra dificuldades ao falar sobre ao futuro, fazendo-o após ser incentivada a falar sobre o que imagina:

“Não sei, só o tempo dirá. (...) Devo estar na faculdade ainda, não sei, não sei que faculdade vou fazer.” (F4).

Tanto F2 como F4 apenas falam em formação de família quando perguntadas diretamente sobre o assunto, sendo que a última mostra maior dificuldade em imaginar um possível casamento e filhos:

“Eu penso, mas bem... Depois que eu já tiver assim meu futuro já todo planejado, que eu vou começar a pensar em casar... Eu pelo menos pretendo... Vou me casar com uns 20 e poucos anos, 30, não sei...Não sei ao certo... Mas eu sei que eu quero ter filhos... 2 ou 4 filhos. Ou só um tá bom, o tanto que Deus me dê, tá ótimo...” (F2).

“Eu não imagino nada, primeiro tenho que experimentar (sobre relacionamentos). (...) Não, filho não, não quero ter filho não, filho é... muito cansativo. (...) Ter que ficar acordando de noite para dar leite, trocar fralda, segurar no colo, ter logo um problema de coluna, ficar com aquele barrigão, não, não...não quero ter filho não. (...) Mais para frente, sim, lá pelos 30 anos, aí sim.” (F4).

Três entrevistadas, imaginando-se mãe, acreditam que serão “liberais” com seus filhos, sendo que F4 mostra uma relativa dificuldade em falar sobre o assunto:

“Comigo eu acho que vou ser aquela mãe daquelas bem liberais, daquelas que... brinco com meu filho, converso com ele, do jeito que converso com minhas amigas...” (F2).

“Minha filha vai ser liberal para tudo, vou liberar ela para fazer tudo que eu não fiz. (...) Cara, sei lá... não me vejo sendo mãe, não... vou ser uma mãe muito burra. (...) Eu não tenho paciência com criança, ainda mais com meu filho, é mole com filho? Cruz credo!” (F4).

“Eu acho que eu vou ser uma mãe muito maneira, eu não esquento com nada...” (F5).

Sobre o pai que imaginam para seus filhos, os relatos mais ilustrativos foram os seguintes:

“O pai sempre coloca uma... Aquela educação mais severa, é mais ali no cabresto. A mãe dá aquela educação que tem aquele respeito todo também, mas é sempre aquela mãe confidente, que cobra algumas coisas dos filhos, pra não dar tão errado, entendeu? Pra não chegar ao ouvido do pai, o pai já é mais severo...” (F2).

“O pai teria que ser carinhoso com o filho, não batesse nele, não fizesse nada de errado, que educasse ele para ser alguém na vida...” (F4).

“Acho que tem que ter bastante amor, assim, para mim casar, assim, tem que ficar muito apaixonada, tem que ter todo aquele relacionamento, que a pessoa me entenda, que tenha todo aquele meu diálogo, assim, que eu acho, conversar comigo...” (F5).

Entre os planos para o futuro, a grande maioria dos adolescentes (cinco femininos e três masculinos) apontou em primeiro lugar o desejo de cursar uma faculdade, sendo que a totalidade referiu-se a ter um emprego. Os itens citados relacionam-se diretamente com alguns daqueles próprios do final da adolescência e relativas à entrada no mundo adulto, ou seja, capacidade de ter uma profissão e uma independência econômica (Osorio, 1992), independência dos pais e escolha profissional (Outeiral, 2003). Além disso, por terem sido citados tanto pelos meninos como pelas meninas, podemos perceber o interesse feminino pelo mercado de trabalho, com a possibilidade de um casamento igualitário, em que ambos os cônjuges contribuem para a renda familiar.

A perspectiva de formar uma família, também citada pelos autores, foi destacada por quatro meninas, o que não se fez tão presente no discurso masculino. Considerando apenas os sujeitos femininos, podemos apontar para uma diferença em relação à pesquisa de Zagury (1996), que constatou uma diferença em relação ao casamento como plano de vida mais significativo para as classes mais altas do que para as camadas populares. Podemos considerar, a partir de nosso estudo, que o casamento e a maternidade constituem valores que dizem respeito mais à feminilidade do que à masculinidade, como Monteiro (1999), apesar de já termos apontado para diferenças no que se refere à entrada no mundo adulto.